

Avaliação do Estudante com Necessidades Educacionais Especiais em Ambientes Inclusivos

NOMES: Flávia dos Santos Cota

Carolina Soares Gorne

Celeste Azulay Kelman

Resumo: A avaliação do aluno com necessidades educacionais especiais foi considerada como o Segundo Eixo Temático em 2012 a ser trabalhado com os professores das salas de recursos multifuncionais no âmbito do Observatório Nacional de Educação Especial (ONEESP). Esse artigo aborda o referido eixo temático através da participação de 32 professores do Rio de Janeiro. Tem como objetivo conhecer o modo como ocorre a identificação do aluno com necessidades educacionais especiais-NEES, investigando-se a identificação, o planejamento do trabalho avaliativo para o aluno no Atendimento Educacional Especializado na sala de recursos multifuncionais e, por último, a avaliação do rendimento escolar do mesmo. A metodologia utilizada foi a da postura dialógica e interpretativa (GONZALEZ REY,2005) das falas das professoras dessas salas de recursos multifuncionais. Foram realizadas entrevistas com as professoras do Município e análise documental sobre a Educação Especial do Rio de Janeiro.

Palavras Chave: Sala de recursos multifuncionais; avaliação; inclusão em educação.

Introdução

O Observatório Nacional de Educação Especial - ONEESP tem no Rio de Janeiro as pesquisas realizadas pelo OEERJ – Observatório de Educação Especial do Rio de Janeiro que conta com pesquisadores de quatro universidades públicas, colaboradores de outras instituições de ensino superior e alunos de graduação e pós-graduação. Em um dos encontros realizados foi feito um grupo focal, falando sobre a avaliação de alunos com necessidades educacionais especiais. A construção dos dados foi levantada em 2012, porém a análise dos mesmos encontra-se em andamento. O objetivo da realização desse grupo focal era mostrar o processo avaliativo de estudantes com necessidades educacionais especiais - NEES, nas escolas públicas de ensino fundamental da cidade do Rio de Janeiro: Como ocorre a avaliação para a identificação? Quem faz essa avaliação? Quem define se o aluno é apto para esse Atendimento Educacional Especializado - AEE? Como é feita a avaliação para o planejamento e para o rendimento escolar?

As Salas de Recursos Multifuncionais caracterizam-se por espaços físicos localizados nas escolas onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado. Possuem mobiliário, material didático e pedagógico, recursos de acessibilidade e equipamentos especializados para o atendimento dos alunos que são público alvo da Educação Especial. Esse atendimento é realizado no horário inverso ao da classe regular, isto é, no contraturno.

Todo aluno que possui algum tipo de necessidade educacional especial tem por direito uma educação especializada e quando incluídos em classes regulares necessitam de recursos pedagógicos especializados. Para isso são feitas adaptações no ambiente, para que esse seja acessível a qualquer necessidade, livre de barreiras arquitetônicas. Também são realizadas adequações no mobiliário escolar, mesas e cadeiras que sejam ajustadas para as crianças, lavatórios e sanitários de acordo com tamanho e mobilidade da criança. E necessitam de recursos pedagógicos adaptados, materiais lúdicos, adaptação do material escolar entre outros recursos que possam facilitar as atividades escolares.

A maioria das escolas que possui alunos incluídos conta com a ajuda da sala de recursos multifuncionais, que funciona em contraturno e com uma professora

especializada. O MEC tem como objetivo da sala de recursos *“Apoiar a organização e a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, prestado de forma complementar ou suplementar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular, assegurando-lhes condições de acesso, participação e aprendizagem...”* Essas salas oferecem materiais especializados e diferenciados, adaptados para as diferentes necessidades, equipamentos de informática e mobiliário. As SRMs ajudam os alunos com NEEs a desenvolverem suas potencialidades.

Desta forma, para que um aluno que necessita do AEE possa fazer arte da SRMs da escola regular onde está matriculado, necessita passar por um processo avaliativo. Pois esses alunos podem apresentar: transtornos globais do desenvolvimento; deficiência visual; deficiência intelectual; deficiência auditiva; deficiência física; deficiência múltipla; superdotação/altas habilidades.

Em alguns casos a identificação de algum tipo de deficiência que a criança possui não é vista pelos seus pais e familiares, e sim na escola, por sua professora. Fica mais nítido para a professora notar se tem algo de “diferente” em certos alunos, pois a mesma tem o comparativo das outras crianças, o que não ocorre com frequência com os pais desses alunos. Muitos responsáveis nem percebem que seu filho tem algum tipo de deficiência, a não ser que seja uma deficiência física, algo mais nítido. Então cabe ao professor perceber e identificar o aluno, para que assim ele possa ser avaliado e ter um atendimento educacional especializado de acordo com sua deficiência.

As bases dos estudos que são feitos pela OEERJ, tem como referência municípios do Rio de Janeiro, são eles: Rio de Janeiro, Niterói, Nova Iguaçu e Petrópolis. Esse artigo proposto aborda o segundo eixo temático com a construção dos dados a partir das falas das professoras das salas de recursos multifuncionais - SRMs de escolas do ensino fundamental do Município do Rio de Janeiro.

De acordo com o Censo Escolar 2013 (INEP 2014) o público alvo de alunos da educação especial matriculados nas escolas públicas da rede municipal do Rio de Janeiro é de 10.869. Estes números estão assim distribuídos:

Educação Infantil		Ensino Fundamental	
Creche	Pré-Escola	1º à 5º	6º à 9º
247	544	8765	1313

O número total de turmas de Atendimento Educacional Especializado no Rio de Janeiro é de 332 em 2011 (fonte: SME/RJ).

Objetivos

Este estudo vai focar os seguintes objetivos do processo avaliativo dos alunos com necessidades educacionais especiais: (1) avaliação para a identificação do aluno, (2) avaliação para o planejamento educacional e (3) avaliação do rendimento escolar dos alunos com NEEs nas escolas de rede pública no município do Rio de Janeiro.

Sendo assim, também visa promover uma reflexão acerca da caracterização da deficiência, partindo do pressuposto que a diferença é definida na relação com o outro, influenciada por aspectos culturais, históricos e políticos.

Metodologia

Esta é uma pesquisa classificada como qualitativa, por que o objeto de estudo envolve uma relação interativa entre os sujeitos pesquisados. Também envolve relação de poderes hierarquizados. Mas, sobretudo propicia a expressão das singularidades nas respostas, representando informações que não se traduzem simplesmente por números e tabelas (BAUER & GASKELL, 2007; DENZIN & LINCOLN, 2006; GONZÁLEZ REY, 2005). São necessárias as interpretações do fenômeno social estudado. Nesse caso, o caminho metodológico assumido foi de uma postura dialógica e interpretativa das falas das professoras.

A pesquisa foi submetida e aprovada pela comissão de ética da UFSCar, através dos pareceres 382/2011 e 291/2011, legitimando todas as pesquisas realizadas nos municípios participantes do ONEESP. Todos os professores participantes e gestor do sistema educacional municipal do Rio de Janeiro assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido e autorizaram veiculação de informações de forma sigilosa em ambientes científicos.

Um dos instrumentos utilizados foi um questionário de perguntas feito pela equipe do ONEESP (vide anexo), que foi respondido pelas professoras no segundo encontro do grupo em 2012, por meio de um grupo focal, em horários da manhã e tarde.

Cada grupo focal trabalhou as perguntas em referência ao município que atua. Dentro dos temas do questionário, as professoras contam suas experiências, os métodos utilizados, e o modo de procedência para a avaliação de alunos com necessidades educacionais especiais de seus respectivos municípios.

Instrumentos Metodológicos

Esta pesquisa teve como instrumento os estudos documentais do município do Rio de Janeiro, e adotou a dinâmica de grupo focal para a construção dos dados sobre a Avaliação do estudante com necessidades educacionais especiais.

(a) Caracterização do Município

De acordo com a população do Rio de Janeiro que é de 6.323.037 no que se refere à densidade demográfica, o mesmo ocupa assim a primeira posição o que merece atenção. Possui uma taxa de 2,9% de analfabetismo e um Índice de Desenvolvimento Brasileiro (IDEB-2011) de 5,4% nos anos finais de Ensino Fundamental, acima da meta do IDEB Nacional (2011) de 5,1. Abaixo é possível verificar os dados referentes ao número de alunos matriculados no município do Rio de Janeiro nas esferas (estadual, municipal, federal ou privada) e nos diversos níveis de escolarização, que é caracterizado pela Educação Infantil (Creche ou Pré-escola) e o Ensino Fundamental I (1ª. a 4ª e anos iniciais ou 5ª a 8ª e anos finais).

Tabela 1 - Censo Escolar 2013

Município	Dependência	Ed. Infantil		Ensino Fundamental	
		Creche	Pré-Escola	1ª a 4ª série e Anos Iniciais	5ª a 8ª série e Anos Finais
RIO DE JANEIRO	Estadual	84	214	2054	7552
	Federal	301	318	3420	6662
	Municipal	51444	70438	282543	230148
	Privada	57341	58539	146089	113649
	Total	109170	129509	434106	358011

Fonte: INEP, 2013.

A Tabela 2, a seguir, mostra o número de alunos matriculados na educação especial. O que é de relevância para esse artigo, é a dependência de alunos matriculados na rede Municipal, já que são esses alunos que necessitam de atendimento educacional especializado nas Salas de Recursos Municipais da Secretaria Municipal de Educação.

A quantidade significativa de matrículas realizadas nesse Município expressa a necessidade de um atendimento de qualidade nas escolas para que atenda a toda a diversidade existente, valorizando e utilizando-as como ponto de partida para uma aprendizagem significativa.

Tabela 2 – Matrículas na Educação Especial

Município	Dependência	Ed. Infantil		Ensino Fundamental	
		Creche	Pré-Escola	1ª a 4ª série e Anos Iniciais	5ª a 8ª série e Anos Finais
RIO DE JANEIRO	Estadual	0	0	38	41
	Federal	9	69	361	308
	Municipal	247	544	8765	1313
	Privada	114	287	939	356
	Total	370	900	10103	2018

Fonte: INEP, 2013

(b) Grupo focal

A dinâmica do grupo focal foi registrada em áudio e vídeo. Esse instrumento consiste em “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” (POWELL E SINGLE,1996, p.449). O grupo focal possibilita que se identifique nas falas dos participantes elementos revelados por meio de percepções, comentários, sentimentos, ações, ideias e conceitos, sendo possível extraí-los assim que o participante apresente suas atitudes e respostas ao moderador do grupo.

Os dados foram coletados em 2012, entretanto ainda estão sendo submetidos a um processo de análise em uma perspectiva interpretativa, conforme referido anteriormente.

Referências Bibliográficas

BAUER, M.W.& Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Rio de Janeiro:Vozes,2002.

BUENO, J.G.S. Educação Especial Brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC/PUCSP, 1993.

DENZIN, N.K. LINCOLN, Y.S.O planejamento da pesquisa qualitativa. Porto Alegre, Artmed,2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Tradução de Roberto Machado. 29 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

GOUFFMAN E. Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro:Zahar,3ª ED.1980.

GONZALEZ REY, Epistemologia Cualitativa y Subjetividade. São Paulo:EDUC,2003.

MANTOAN, Maria Tereza. A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo, Menon, 1997.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Programa de implementação de salas de recursos multifuncionais. NOVO. Disponível em: Portal. mec.gov.br

PERRENOUD, Ph. Avaliação. Da Excelência à Regulação das Aprendizagens, Porto Alegre, Editora Artmed, 1999.

Powell, Richard; SINGLE, Helen. Focus groups. International Journal of Quality in Healt Care, v.8 (5), p.499-504, 1996.